

# Resenhas

**ILHA DO DESTERRO**, Florianópolis, n. 17, jan./jul. 1987.

Publicada em 1987, *Ilha do Desterro* tem como proposta "contribuir para um melhor conhecimento do fenômeno da tradução nos seus múltiplos aspectos". Dela fazem parte sete artigos (dois em língua inglesa), uma entrevista, resenhas e uma bibliografia específica. Além de um texto de Jorge Luiz Borges.

Dos cinco trabalhos em língua portuguesa, dois são trabalhos teóricos. Em "Tradução e Interpretação" são tratados vários aspectos da interpretação que extrapolam àqueles que são comuns à tradução: (a paralinguagem, a proxémica, a tacêssica, a cinásica) num chamado de atenção da autora, Marta Setinberg, para a necessidade de estudos contrastivos de comunicação analógica para que o intérprete tenha condições de dominar os códigos digital e analógico.

O segundo trabalho, "A tradução literal: impossibilidade, inadequação ou meta?" retoma um assunto até hoje não esgotado, a tradução literal. Segundo o autor, na medida em que sejam observados alguns princípios ela se "constitui um dos principais desafios do processo tradutório e medida bastante confiável do grau de êxito na busca de fidelidade, quer ao texto de partida, quer à língua, cultura e leitores destinatários da tradução".

A esses dois, segue-se o trabalho de Nelly Novaes Coelho, "A tradução: núcleo geratriz da Literatura Infanto-Juvenil". Trata do papel desempenhado pela tradução na difusão da Literatura infanto-juvenil e se constitui um inventário de obras infanto-juvenis, traduzidas para o português que poderá inspirar trabalhos de Literatura Comparada na Área específica.

Os trabalhos restantes se constituem uma crítica sobre as obras traduzidas para o português. Em "A tradução de *Tristam Shandy*", Philippe Humblé tece, primeiramente, algumas considerações sobre a tradução antes de passar ao cotejo do capítulo XXVIII da obra que estuda. Comenta os desvios ocorridos na tradução de José Paulo Paes e logo

aqueles presentes na tradução de Charles Mauron na tradução francesa.

Em "Emily Dickinson brasileira", Walter Carlos Costa examina cinco traduções em língua portuguesa de poemas de Emily Dickinson das inúmeras publicadas no Brasil: as de Manuel Bandeira, Mário Faustino, Aila de Oliveira, Idelma Ribeiro de Faria e Augusto de Campos. Mais do que um cotejo dos textos, há nesse trabalho de Walter Costa um interesse pela "fortuna" na (acepção que lhe dá a Literatura Comparada) de Emily Dickinson no Brasil.

Na rubrica "entrevista", a palavra foi dada a Sebastião Uchoa Leite que respondendo às perguntas que lhe foram feitas abordou aspectos da tradução relacionados com a política editorial do país, o status do tradutor nos meios editoriais do país, de certa maneira, a qualidade das traduções oferecidas ao leitor brasileiro.

Quanto ao texto de Jorge Luiz Borges, "Las versiones homéricas" já publicado no livro *Discusión* (1932) ela se deve, certamente, à intenção de possibilitar a sua leitura no Brasil onde os textos latino-americanos, muitas vezes importantíssimos — devido ao já conhecido isolamento dos países com respeito aos outros — nem sempre chegam ao leitor brasileiro que perde, com isso, leituras imemoráveis em termos de Continente.

E, coerente com o objetivo primeiro da revista, a última rubrica: resenhas de três obras específicas e uma bibliografia que será de utilidade para os interessados no assunto pois muitas vezes o que falta ao estudioso no Brasil é exatamente esse tipo de informação.

Se, como diz Walter Costa, ainda se verifica no Brasil, uma dependência em relação aos países industrializados e irradiadores de cultura, situação que leva a uma verdadeira dependência das traduções, é evidente que na maioria das vezes a política editorial dos grandes centros brasileiros (da qual dependem o status da profissão do tradutor, a qualidade das traduções e a opção das obras a serem publicadas), muitas vezes não atende aos interesses do país.

Assim, a sistematização do estudo da tradução, ao teorizar, ao se debruçar sobre os textos traduzidos, certamente virá em auxílio de uma tarefa extremamente valiosa em qualquer circunstância (veja-se o artigo de Philippe Humbélé) e, sobretudo, em países que dependem de informações alienígenas.

Ou seja, extremamente útil e oportuna a publicação deste 17.º número de *Ilha do Desterro*.

Razão a mais para lamentar que, embora se tratando de uma revista ligada a um Curso de Pós-Graduação em Literatura Estrangeira, nela se publiquem trabalhos em outra língua que não o português.

Em se tratando de um país com ilhas de desenvolvimento talvez fosse recomendável não desperdiçar oportunidades de transmitir informações e publicar trabalhos somente em língua portuguesa no intuito de atingir o maior número possível de leitores.

Cecília Zokner

\* \* \*

**TEZZA, Cristovão. Trapo.** São Paulo, Brasiliense, 1988.

A publicação de **Trapo** pela Editora Brasiliense é auspiciosa por várias razões. A literatura brasileira anda francamente em baixa no mercado editorial. Os editores preferem investir em obras e autores cuja vendagem já vem assegurada pelo sucesso fora do Brasil. Além disso, este novo livro traz um sopro original e embora estivesse pronto desde 1982, não perdeu nada de sua atualidade enquanto ficou em compasso de espera para publicação. Perdemos nós os leitores que não pudemos apreciá-lo antes.

**Trapo** é diferente, agarra o leitor em laços de terna e comovida simpatia, porque, cheio de humanidade, mistura amargura e humor em dosagem perfeita. Servido por esplêndida técnica narrativa, moderna e ágil, o texto apodera-se verdadeiramente do leitor, que passa a comungar, de estalo, com os dramas dos poucos personagens que habitam aquele espaço ficcional. Aliás, também a crítica especializada não lhe regateou aplausos. "Rara competência", escreveu a seu respeito o crítico carioca Esdra Nascimento, no jornal **O Globo**. "Dono de uma narrativa saborosa e envolvente" afirma, em artigo, a revista **Veja**. "Sua narrativa é fluente e sedutora" comenta o Prof. Carlos Alberto Faraco em **O Nicolau**. "Cristovão Tezza se realiza no romance" confirma Adélia Maria Lopes, entrevistando-o para o jornal **O Estado do Paraná**.

Tezza não é um escritor principiante, muito pelo contrário, avolumam-se já os títulos de sua autoria: **O Terrorista Lírico**, **A Cidade Inventada**, **Gran Circo das Américas**, **Ensaio da Paixão**. Tendo sido premiado em concurso da Petrobrás, terá proximamente sua obra **Aventuras Provisórias** lançada pela Editora Mercado Aberto. Atualmente está às voltas com sua mais recente criação, **Juliano Pavollini**.

Realmente o autor possui grandes méritos literários, mas é em *Trapó*, particularmente, que demonstra sua agudeza, penetração e inteligência, com pleno domínio de recursos expressivos, ao selecionar os dados essenciais de sua criação e deles dispor a seu talento.

A temática da obra é de natureza eminentemente urbana. O mundo urbano, povoado de pessoas voluntariosas, violentas e obstinadas, é o palco onde, inconsciente ou, pelo menos, involuntariamente, os seres destroem a própria e a alheia felicidade. O tratamento dessa temática é marcado pela capacidade singular do escritor de devassar a condição humana na sua miudeza cotidiana. Ressalta ai a preocupação em sondar, explicar e desvendar mistérios e inquietações, incertezas e conflitantes forças que desnorteiam o espírito dos indivíduos e alteram os rumos de cada destino. São reflexões sobre a vida, o mundo, a grandeza e a mesquinharia.

O metabolismo do romance é imposto por um espírito notoriamente anticonvencional. Em vez de reproduzir a história, narrando-a, o narrador cria. Uma criação que se faz espontânea, a partir de cada lance. Uma descoberta leva a outra, um fato pedindo o seu desdobramento ou sugerindo a presença de uma variante. Ao final do livro, o leitor percebe que o que acabou de ler é o projeto de um romance esboçado, pelo narrador, durante a narrativa. A obra fora concluída e... já lida.

Numa magistral análise do comportamento e dos estados de alma, Cristovão Tezza traça os perfis psicológicos de um rapaz e de um velho professor, opondo em discursos distintos suas distintas personalidades. Com o emprego de interessante processo narrativo e lingüístico, a obra alterna em contraponto, duas narrativas. Uma, de caráter episódico, é construída pelo registro das desvairadas cartas de Paulo, jovem rebelde que se autodenominava *Trapó* e que se suicidara. Outra, de caráter orgânico, constituída pelos eventos que se passam com o pacato e acomodado Prof. Manuel, desde que entra em contato com os escritos do jovem suicida.

As personagens, muito bem delineadas, não são introduzidas, apresentadas. Aparecem "ex-abrupto", expõem ação e pensamento, julgam-se e são julgadas. São surpreendidas como são, sem o interesse de torná-las heróis ou anti-heróis. São personagens divididas entre o desespero, a volúpia sincera do amor, o comodismo insípido, o abismo moral e a perplexidade. Percebem ser, o que não desejavam ser, concluindo que viveram uma vida opaca, destituída de grandeza.

A herança literária de *Trapó* chega ao Prof. Manuel por intermédio de Izolda, mulher de modos rudes e aparência vulgar, dona da pensão onde o rapaz viveu e morreu. O velho

professor, posto em desassossego pelos escritos, olha-os inicialmente com timidez e desconfiança, depois com admiração e amor. Começa a valorizar a vida quando espreitado pela morte do jovem. Trapo passa a integrar e transformar a existência do professor. Manuel desperta para conhecer a sua própria solidão, o que o leva a redimensionar o ramerrão cotidiano. Nesse estado de espírito caminha por dentro de si mesmo, auto-analisa-se, recompõe várias etapas da jornada de sua trajetória. Recapitula, evoca, critica-se, vai do seu ego ao dos outros. Enxerga-se tal como é: um tipo produzido aos milhões de exemplares. Um sujeito de existência cinzenta, alimentado por esperanças e anseios que a vida, lentamente se empenhou em sufocar.

Além de sua sincera paixão por uma jovem misteriosa, cuja voz jamais se ouve na narrativa, os escritos de Trapo encerram praticamente toda sua biografia. A existência atribulada de um rapaz de 20 anos, amante da literatura, criador da "mata poesia" e do "Realismo Fossálico". Um jovem que prega, acima de tudo, o direito de ser o que é e como é. Um insubmissso à ordem imposta e às limitações que contrariam a natureza humana. As cartas expressam um protesto veemente contra a estupidez dos homens em suas várias manifestações. Em versos tradicionais ou de vanguarda ou ainda desenvolvendo extravagâncias filosóficas, numa linguagem, às vezes, estapafúrdia de poeta drogado, Trapo se rebela, principalmente, contra a sociedade institucionalizada que não escuta nem, se escutasse, entende os sonhos, os anseios, o inconformismo. Em vida o jovem debateu-se contra disciplina hipócrita, o moralismo de fachada, a mediocridade burguesa da vida cotidiana numa cidade fechada e preconceituosa como Curitiba. Gota a gota os textos destilam os horrores dos tormentos interiores, dos ódios cultivados reciprocamente e que provocam a também recíproca destruição. Trapo não se reconcilia com a vida: morre. Suicida-se misteriosamente. Sua imolação, porém, não é vã. Os escritos que deixa transmitem o perigoso poder da palavra. Constituem o sortilégio mediante o qual Manuel se transforma, muda o seu destino e aproxima-se de Izolda. A literatura é "uma arma e, do mesmo modo que o revólver, mata, assalta, corrompe e faz justiça com as próprias mãos", diz Paulo em uma carta. A aproximação absolutamente casual de Trapo, Prof. Manuel e Izolda, representa a busca da justa proporção que, afinal, a palavra escrita oportunizou.

Essa narrativa densa e bem construída, confirma a vocação de bom escritor de Cristovão Tezza. Dá prazer ao leitor

mais exigente. É mais do que uma boa construção sobre uma boa idéia. Dispensa genealogia e pósfácio.

**Elisa Campos de Quadros**

\* \* \*

**BURGOS, Fernando. *La novela moderna hispanoamericana.*** Madrid, Ed. Orígenes, 1985. 157 p.

O que é moderno, modernismo e modernidade? Que espaços e tempos essas noções recobrem e como elas se definem na narrativa hispano-americana? Nesse sentido, o livro de Fernando Burgos procura articular conceitos fundamentais que permitam a compreensão da multifacetada dinâmica de mudanças e transformações que representou o surgimento da estética da modernidade em Hispanoamérica. O estudo faz indagações e busca respostas sobre o sentido e projeção da "novela hispanoamericana" desde sua constituição modernista ao final do século passado, chegando à produção dos últimos anos.

Não se trata de um levantamento historiográfico simplesmente, ao contrário, a forma como se elabora o conceito de modernidade desarticula a idéia de uma história literária concebida como divisão orgânica de períodos, tendências e gerações. Põe em relevo a falsa normatividade desse tipo de historicismo que, às vezes, surge como um trajeto puramente cronológico e inoperante.

Plural, a modernidade fundamenta sua persistência na continua busca de rupturas. A tradição de rupturas como movimento de busca e não de negação absoluta do passado pode fundar a sua própria tradição. Cada transformação deve enfrentar-se com uma tradição que já foi moderna e que foi iniciada a partir de deslocamentos da modernidade. A constante busca do moderno, daquele que converte a modernidade cada vez em uma atualidade, se resolve, porém, muitas vezes, redistributivamente, por meio dos constantes "neos" que surgem.

Afinal a modernidade é vista, na obra, como espaço simbólico de encontros, descontinuidades, tradição e ruptura. É a desconfiança e também desafio, de uma provocação ligada à "desconstrutiva" pluralidade de sua trajetória. Com um início incerto, a modernidade literária hispano-americana surge sob o augúrio e incerteza de um título: "Sin rumbo".

Fernando Burgos se doutorou pela Universidade da Flórida. Publicou vários artigos em revistas hispânicas especializadas dos Estados Unidos, México, Chile e Espanha. Foi professor de literatura hispano-americana na Universidade do Chile e atualmente é professor na Memphis State University.

**Elisa Campos de Quadros**

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Contos de sempre.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.

Acaba de sair pela Mercado Aberto a segunda edição de **Contos de sempre** de Aldyr Garcia Schlee.

Nascido em Jaguarão, às margens do rio que separa as terras brasileiras das uruguaias, ele é autor de contos que fazem reviver esse gaúcho de fronteira que é mais integrado nos pampas sem limites do que no espaço dos limites oficiais.

**Contos de sempre** se compõem de dois grupos de narrativa: "Os de ontem", episódios das lutas travadas no território disputado pelos portugueses e espanhóis. "Os de hoje", situados no mesmo espaço geográfico, hoje parte do território riograndense. Os personagens, como se fossem sempre os mesmos. Na segunda parte, porém, degradados pelo passar do tempo e pela perda de valores.

Entre essas doze narrativas sobressai, como uma peça valiosa e única, a primeira da coletânea: "Verdina". Embora inusual, um nome que anuncia o personagem feminino que, também, inusualmente, aparece na narrativa e na vida do gaúcho Pedro.

**Uma negra de olhos azuis chamada Verdina.** E um gaúcho cumpridor de nome Pedro. Ela, de certo, filha de patrão ou patrãozinho do outro lado do rio, filha de mucama manceba do dono, de olhos azuis; ele, sozinho como o rancho, o cavalo, como a divisa que levava no chapéu — sozinho como órfão, como guaxo e como agregado. E o campo verdiando em volta, iluminado de sol e de vida.

Presença feminina que se agranda pelos olhos e pelo sentido gaúcho. E, a partir dessa presença, também a ausência e uma solidão aumenta. Enorme, inexpugnável nesses dois seres sós em que todas as palavras são sepultadas por prudência, por orgulho, consciência de classe e racismo que irão congelar os anseios do homem.

A narrativa acompanha umas poucas horas — as mais densas, talvez as mais luminosas e cruéis da vida de Pedro e, habilmente, entrelaça o passado e o presente. Passado que se faz presente pela força das emoções. Presente que nas sensações irá se prolongar para sempre. O passar do tempo, porém, e a distância percorrida indicados por uma ação sem verbos; os corpos unidos no galope, no trote, na marcha, no galope e no trote, na marcha, no passo . . .

Depois, simultâneo com a ação, o dar-se conta do que acontecia, do que lhe acontecia. Pedro, à medida que desençilhava o cavalo, que o libertava dos arreios ia, ele próprio se desnudando diante de si mesmo, compreendendo-se entre-gue. Entrega, porém, que ele não se permite, mesmo vendo a dança amorosa do casal de bem-te-vis no ar e mesmo vendo perto da cova um casal de corujinhas do campo. Embora com o peito apertado, ele recusa o destino sem a solidão.

Da mulher, de Verdina, pouco se fala: de seu jeito de ser mulher, de seus olhos. Mais que vermelhos de choro, uns olhos que sorriem, se escondem, se levantam brilhantes na linguagem da conquista.

“Verdina”, sete páginas emarcadas nos primeiros anos da História do Rio Grande — e as mortes pela degola, e as lutas, e o destino das mulheres — criando um momento de raro valor na Literatura do Continente. E dois seres, um homem e uma mulher que mais do que símbolos de uma época significam o eterno desencontro que pode acontecer entre o feminino e o masculino.

**Cecília Zokner**

\* \* \*

**LINCH, Benito. O inglês dos ossos.** Trad. Paulo Hecker Filho. Porto Alegre, Tchê, 1987.

Um dos mais lindos livros da Literatura Contemporânea foi publicado pela Editora Tchê no ano passado: *O Inglês dos ossos*. Um verdadeiro ato de coragem da Editora gaúcha que afastando-se da trilha conhecida (a que refaz o mesmo caminho das editoras que atuam nos países irradiadores de cultura) propõe ao leitor brasileiro uma leitura de excelente qualidade.

Qualidade no que se refere ao fazer literário — *O inglês dos ossos* é uma obra perfeita — e no que se refere às imagens do Continente que oferece.

Publicada em 1924, até agora não tem mercado, como as demais obras de Benito Linch, apreciações críticas minuciosas, embora não lhe faltem definitivos louvores como se constituem as palavras de Anderson Imbert: “obra prima pela complexidade interior do romance, a cor local, as pinceladas dos costumes, a saborosa linguagem rural, o hábil tecido de circunstâncias e acontecimentos, a serviço da fina observação do despertar do amor”.

A imagem do Continente certamente é dada por essa cor local, pelas pinceladas de costumes e pela linguagem rural

assinaladas pelo crítico argentino. Porém, mais sutil e não por isso menos profunda, a imagem do Continente que se desprende dos personagens eixos — Balbina e Mister Gray — e das relações que entre eles se estabelecem.

Balbina, personagem luminosa, "símbolo puro da vida agreste", deixa-se envolver pelo sentimento que pressente no inglês "cujos olhos azuis lhe diziam tantas coisas boas e formulavam tantas promessas na sua linguagem sem voz e sem palavras".

As palavras, até um certo momento desnecessárias, terão razão de ser no momento crucial da separação. No monólogo que então advém fica claro o antagonismo da visão de mundo de um e de outro.

Desesperada com a partida do inglês, Balbina se refugia no seu quarto e procura entender o abandono a que foi condenada. Jogada na cama, sem forças, argumenta, busca soluções: mas se ela havia pedido tanto que ele não partisse... mas não se tratava de uma ilusão tola que se fizera, ele havia falado muito claro que gostava dela... mas ele lhe havia dito que se pudesse evitar nunca a deixaria sofrer... mas por que não dizia, simplesmente, a seu patrão que ia ficar um pouco mais... mas, por acaso, não tinha dinheiro suficiente para descansar onde bem lhe aprovou esse.

James Gray, o universitário inglês continua a trabalhar. Sob o sol e o vento, raspa, sem vontade, uma velha caveira humana e pensa na entrevista que tivera com a mãe de Balbina que o recriminava por não a ter desenganado. "Mim não promete nunca nada" havia respondido. Mas o que não respondia a si mesmo era como evitar o sofrimento da moça, porque, embora a solução estivesse nas suas mãos, ele não podia ceder. Porque não podia parar. Seu desejo era trabalhar pela Humanidade por compromisso moral contraído consigo mesmo... Seu destino, o de perfazer um longo caminho de progresso escolhido de antemão e marcado pelo cálculo... E como homem prático e sério tinha recorrido ao sistema mais prático e mais sério também. O sistema da verdade inconteste. A vítima assim não padece dúvidas, ou se resigna ou morre de dor.

Na excelente introdução ao romance da edição da Troquel de Buenos Aires, Julio Caillet-Bois diz que Benito Linch insiste no tema repetido na Literatura do século XIX: os protestos dos escritores e dos artistas contra as doutrinas materialistas e utilitárias.

Em *O inglês dos ossos*, esse protesto pode conter também um outro: o da espoliação do Continente. Ingênuos, os habitantes do posto "La Estaca" não se impressionam com as caixas cheias de material arqueológico que partirão para Londres. Por sua vez, o inglês não se deterá diante das lágrimas de Balbina. Afinal, não tinham vindo para a América em busca de "uma mocinha de rancho para se casar; mas em busca de velhos cemitérios indígenas onde cavocar depressa".

E acompanhado de suas caixas contendo ossos de índios, parte Mister James. Não fora levado a sério ao chegar, montado num petiço e de guarda-chuva aberto. Sua partida deixa atrás de si a tragédia. Os prantos, tampouco ouviu. Como se o pertencer ao mundo dos civilizados bastasse para lhe poupar emoções. Como se o pertencer ao mundo dos civilizados lhe desse o direito de dessangrar duas vezes o Continente: levando as suas riquezas, fazendo sofrer a sua gente.

Texto difícil em quanto expressão regional e rural, teve suas dificuldades contornadas por um tradutor que procurou manter-se fiel ao autor. Assim, os "desvios" (diferentes entre o texto original e o texto de chegada) presentes na tradução de Paulo Hecker Filho foram, como ele mesmo confessa, "medidos, limitados".

Tanto a Editora Tche! quanto o tradutor se lançaram num caminho — o de divulgar obras da Literatura Latino-americana de qualidade — que sem dúvida deve merecer continuidade.

**Cecília Zokner**